



HISTÓRIA DA INTENCIONALIDADE: UMA COMPARAÇÃO ENTRE DENNETT, DAVIDSON E TOMASELLO

JULIANA DE ORIONE ARRAES FAGUNDES¹

Resumo: Este trabalho trata de como se relacionam dois aspectos da mente humana - intencionalidade e triangulação - sob as óticas de três autores: Davidson, Dennett e Tomasello. A intencionalidade é tomada como a característica de ao menos alguns estados mentais de estarem dirigidos a algo. Triangulação é o processo básico de interação de dois seres entre si e com o mundo, base da linguagem. Entre a intencionalidade e a triangulação se situam a linguagem articulada e a forma de pensar especificamente humana. Porém, cada um desses autores compreende diferentemente o papel dessas duas características cognitivas na formação da linguagem e seu surgimento na história evolutiva. O resultado é que o conjunto dos seres dotados de intencionalidade é diferente para cada um deles. Assim, o artigo tratará de até onde a intencionalidade desce pela árvore evolutiva conforme cada um dos autores.

Palavras-chave: Intencionalidade. Triangulação. Davidson. Dennett. Tomasello.

History of intentionality: Dennett, Davidson and Tomasello in a confrontation

Abstract: This work deals with the relations between two aspects of the human mind: intentionality and triangulation, under the perspectives of three authors: Davidson, Dennett and Tomasello. Intentionality will be understood as a characteristic of at least

1. Professora Assistente/ UESB; Doutoranda em Filosofia / UFBA; E-mail: julianadeorione@hotmail.com

some mental states of being directed to something. Triangulation is the basic process of interaction between two creatures and the world. This process gives ground to language learning. The articulate language and the way of thinking specifically human lies in that relation between intentionality and triangulation. However, each of these authors understands differently the role of the two cognitive characteristics in the development of language and its emergence in the evolutionary history. The result is that the set of beings with intentionality is different for each of them. The article will deal with how far the intentionality descends by the evolutionary tree according to each author.

Keywords: Intentionality. Triangulation. Davidson. Dennett. Tomasello.

INTRODUÇÃO: INTENCIONALIDADE E TRIANGULAÇÃO

Compreender a mente especificamente humana passa pela compreensão da linguagem. Ninguém nasce falando, o desenvolvimento da linguagem depende da inserção da criança em um ambiente social, onde se aprende essa poderosa ferramenta de interação. A triangulação é o processo básico que direciona duas criaturas uma à outra e ao mundo exterior. Assim, pensar sobre essas duas características mentais - intencionalidade e triangulação - ajuda a compreender tanto a mente quanto a linguagem. Três autores estadunidenses serão trazidos para ajudar a pensar na relação entre essas duas características: o filósofo Donald Davidson, muito influente na segunda metade do século XX; Daniel Dennett, outro filósofo cujo tem sido bastante proeminente e o psicólogo do desenvolvimento Michael Tomasello, também bastante produtivo contemporaneamente.

No primeiro momento, as concepções de triangulação e intencionalidade serão brevemente apresentadas. Em seguida, haverá uma exposição curta da noção de intencionalidade em Dennett. Esse autor possui uma longa e detalhada discussão sobre intencionalidade e sistemas intencionais que está ligada a diversos aspectos de seu pensamento, mas apenas o que parece relevante para pensar essa relação com a triangulação será desenvolvido. Depois, falar-se-á um pouco sobre os tipos de triangulação apresentados por Davidson - a triangulação linguística e a pré-linguística - e será apresentado o problema apontado pela filósofa portuguesa Sofia Miguens de uma lacuna que esses dois tipos de triangulação geram. Apresentar-se-á, então, um breve resumo do trabalho de Tomasello sobre o desenvolvimento da intencionalidade ao longo da linhagem hominídea. Por último, haverá uma comparação entre os três autores acerca das relações entre intencionalidade e triangulação.

Donald Davidson (2001b) mostra que a aprendizagem da linguagem depende do processo de triangulação, portanto a triangulação é anterior à linguagem. A anterioridade temporal² ocorre tanto no que diz respeito a nossos ancestrais evolutivos pré-linguísticos quanto no que diz respeito ao desenvolvimento de cada ser humano no processo de aprendizagem da linguagem. Antes da criança aprender a falar, ela precisa se engajar nesse processo, assim como antes da espécie humana desenvolver a linguagem, nossos ancestrais precisaram triangular. Ou seja, o aparecimento da triangulação precede a linguagem na história da nossa linhagem evolutiva (filogenia) assim como na história de vida de cada indivíduo humano socialmente inserido³ (ontogenia).

Falando de modo bem geral, os elementos envolvidos nesse processo são dois seres em interação entre si e com o mundo externo. A interação entre esses dois seres é fundada nesse mundo compartilhado entre eles. Por isso, o mundo é o elemento comum que permite a ocorrência da interação. Eles se direcionam simultaneamente um ao outro e ambos ao mundo exterior, cada um reagindo simultaneamente às duas outras pontas do triângulo. Embora a triangulação forme a base da linguagem, a primeira é muito anterior à segunda, estando presente em animais com sistemas cognitivos muito mais simples do que os nossos.

Cada criatura aprende a correlacionar as reações das outras com as mudanças ou objetos do mundo aos quais ela também reage. Isto se detecta em sua forma mais simples em um cardume de peixes, onde cada peixe reage quase instantaneamente aos movimentos dos demais. (DAVIDSON, 2001a, p. 128)

Intencionalidade é um termo técnico em filosofia que significa a qualidade de estar dirigido para algo, possuída por pelo menos alguns estados mentais. Não deve ser confundido com o uso comum do termo que significa propósito ou deliberação. Conforme Jacob (2014), deriva do verbo latino *intendere*, que significa justamente estar direcionado para um objeto ou coisa. O debate sobre intencionalidade foi introduzido na contemporaneidade por Brentano, que recuperou o termo da escolástica.

Para pensar sobre a relação entre intencionalidade e triangulação, é preciso atentar para o fato de que a triangulação direciona uma entidade simultaneamente ao mundo externo e a outro ser. Então, é preciso haver intencionalidade para que

2. “Anterioridade temporal” pode parecer redundante, mas não é, pois há a anterioridade epistemológica, por exemplo, “*a priori*” é o conhecimento anterior à experiência, mas essa anterioridade não precisa ser temporal, desde que aquele conhecimento possa ser desenvolvido independentemente da experiência (KANT, 2007, p. 5-6). Este texto, contudo, não adentra o debate sobre se há as duas classes de conhecimento: o dependente da experiência e o independente. A nota pretende apenas para justificar o uso do termo.

3. Talvez a noção de humano socialmente inserido também tenha um aspecto redundante, já que será muito difícil para um ser humano conseguir sobreviver isoladamente. De todo modo, cabe a ênfase, pois a aprendizagem da linguagem carece dessa inserção.

haja triangulação, mas que tipo de intencionalidade é necessária? Quais seres são capazes de triangular? Quais seres possuem intencionalidade?

ORDENS DE INTENCIONALIDADE

Convém tomarmos como pressuposto que a intencionalidade não surge do nada, assim evitamos grandes lacunas explicativas e explicações fantásticas no estilo *deus ex machina*⁴. Se nós, seres humanos, possuímos intencionalidade, é que a herdamos de nossos ancestrais. A intencionalidade será melhor compreendida por uma história que explique como ela se construiu aos poucos, do não intencional para o intencional. Dennett apresenta uma forma. Para ele, a intencionalidade é algo bastante difundido, tanto na natureza quanto entre os artefatos construídos pelas mãos humanas, mas ele diferencia as diversas entidades dotadas de intencionalidade por possuírem diferentes ordens de intencionalidade.

A intencionalidade no sentido filosófico é apenas *relacionalidade*. Alguma coisa exibe intencionalidade se sua competência é de algum modo *sobre* alguma outra coisa. Uma alternativa seria dizer que algo que exiba intencionalidade contém uma *representação* de alguma outra coisa - mas considero isso menos revelador e mais problemático. Uma fechadura contém a representação da chave que a abre? Uma fechadura e a chave exibem a forma mais rudimentar de intencionalidade; da mesma forma os receptores opiáceos nas células cerebrais - receptores projetados para aceitar as moléculas de endorfina que a natureza vem fornecendo aos cérebros há milhares de anos. [...] Esta variedade de chave e fechadura de relacionalidade rudimentar é o elemento de planejamento básico a partir do qual a natureza modelou os tipos mais sofisticados de subsistemas que podem ser mais merecidamente chamados de sistemas de representação, portanto, de qualquer modo, teremos de analisar a relacionalidade dessas representações em termos da relacionalidade das chaves e fechaduras. (DENNETT, 1997, p. 39, grifos do original)

Dennett diz, portanto, que o tipo mais simples de intencionalidade pode ser atribuído à chave e sua fechadura. A fechadura é capaz de discriminar a chave que a abre⁵. Essa intencionalidade mais simples foi, para ele, o elemento básico a partir

4. A expressão "*deus ex machina*", que significa "deus surgido da máquina", é usada para designar algo inverossímil que surge abruptamente com poderes para resolver qualquer situação. Vem do teatro grego, onde no final de algumas peças surgia um personagem em cena e arrematava todos os pontos soltos da história. Dennett (1998) substituiu essa expressão por "skyhook", um gancho pendurado no céu capaz de elevar as coisas sem possuir nenhum apoio. Os "skyhooks" se opõem aos guindastes, pois estes estão apoiados no chão e a partir daí erguem alguma coisa. Se compreendemos a intencionalidade como algo que surgiu gradualmente, evitamos esses problemas. Afinal, atribuir as respostas de tudo que parece misterioso a um poder sobrenatural é como desistir de qualquer pesquisa, impedindo seu aprofundamento.

5. Convém não levar a metáfora chave/fechadura longe demais. O ponto, aqui, não é que elas tenham criadas por um artesão inteligente para se direcionarem uma à outra. O ponto é simplesmente que elas estão direcionadas uma à outra. Nesse sentido, a metáfora dos receptores opiáceos e as moléculas de endorfina funcionam melhor, pois não houve projetista direcionando um ao outro.

do qual a natureza colocou os seus projetos em prática. Os organismos unicelulares conseguem, na maior parte das vezes, discriminar alimentos e toxinas por um processo mecânico e simples. A partir do tipo mais simples de intencionalidade, surgiram seres com intencionalidade cada vez mais complexa. Por exemplo, algumas células se tornaram capazes de reconhecer a luz e se dirigir a ela no momento em que se tornam equipadas com elementos fotossensíveis. Outros organismos mais complexos podem representar a sua mãe, por exemplo. Alguns animais se tornaram capazes de se camuflar, de modo a confundir outros sistemas intencionais, os quais não representariam mais os sistemas camuflados como presas.

O processo de seleção natural, de acordo com a teoria proposta por Dennett, também exibe uma intencionalidade: ele se direciona de uma maneira local e algorítmica a uma espécie mais adaptada a cada passo (pois as menos adaptadas tendem à extinção). Sua direção é para a adaptação. Essa intencionalidade do que Dennett chama de “Mãe Natureza” só pode ser atribuída retrospectivamente. Por exemplo, só podemos perguntar o motivo pelo qual o pescoço da girafa cresceu após ele ter crescido. Porém, antes do processo acontecer, não havia um motivo para o seu crescimento, no sentido em que não havia uma inteligência para planejar o crescimento do pescoço. A natureza exibe intencionalidade sem que haja um propósito inteligente direcionando-a, é ela que exibe uma direção, não precisa ser direcionada por nada. Assim também ocorre com cada ser que exibe intencionalidade, inclusive os seres humanos. Essa é, para Dennett, uma das maiores revoluções promovidas por Darwin: explicar como é possível a intencionalidade sem propósito.

Dennett (1999) apresenta várias ordens de intencionalidade. Um sistema intencional de primeira ordem possui estados cognitivos que o direcionam a algo, mas não a outros estados cognitivos. Isto é, os sistemas intencionais de primeira ordem não possuem intencionalidade sobre a intencionalidade. Os sistemas intencionais de segunda ordem, por sua vez, possuem intencionalidade sobre sistemas intencionais: eles creem nas crenças de alguém, por exemplo. A intencionalidade de terceira ordem é a intencionalidade sobre a intencionalidade sobre a intencionalidade; por exemplo, quando João crê que Maria deseje que Cláudia goste de bolo; e assim sucessivamente. Podemos imaginar várias ordens de intencionalidade, mas cada vez que uma nova ordem de intencionalidade surge, temos um ser mais complexo.

Diante disso, fica claro que, para um ser poder triangular, nessa perspectiva de Dennett, é preciso que ele possua intencionalidade de primeira ordem ao menos, pois ele precisa direcionar-se simultaneamente ao mundo e ao outro ser (o direcionamento ao outro ser não implica necessariamente em atribuição de intencionalidade a esse outro ser. As reações do peixe ao comportamento dos outros peixes parece não depender da atribuição de intencionalidade).

Por outro lado, será que qualquer entidade que possua intencionalidade de primeira ordem ser capaz de triangular? Não necessariamente, pois Dennett confere intencionalidade a seres extremamente simples que apenas reagem ao ambiente, mas sem atribuir intencionalidade a outros sistemas. O termostato, por exemplo, reage apenas à temperatura ambiente, que por sua vez também não é capaz de triangular e não é um sistema intencional. O termostato, portanto, não parece ser capaz de se envolver no processo de triangulação.

Para explicar a ordem de intencionalidade necessária para haver comunicação, seja entre humanos ou entre animais não humanos, Dennett recorre a Grice. A existência da comunicação exige que um indivíduo x (aquele que está comunicando) queira que um indivíduo y (o que está ouvindo) reconheça que x quer que y produza uma resposta. Ou seja, a existência da comunicação exige que haja pelo menos intencionalidade de terceira ordem. Convém notar aqui que Dennett não está tratando especificamente da comunicação linguística, pois há seres não linguísticos que são capazes de se comunicar.

TIPOS DE TRIANGULAÇÃO

Como vimos, Davidson atribui o tipo mais simples de triangulação ao peixe. Mas esse tipo de triangulação é diferente do tipo exigido para que possa haver linguagem. Miguens classifica a noção de triangulação de Davidson em duas categorias: “(i) triangulação pré-cognitiva e pré-linguística, (ii) conceitual e linguística. A primeira envolve animais não humanos e crianças em fase pré-linguística, a segunda apenas humanos com domínio de uma linguagem” (2006, p. 102-103). Ela explica que, no pensamento davidsoniano, o primeiro tipo de triangulação é requisito para que o segundo tipo possa surgir. O termo “pensamento”, para Davidson, é reservado aos seres linguísticos, dirige o sujeito ao mundo físico e social por meio da triangulação.

Assim, Davidson considera o mental como algo que só pode ser compreendido por meio de uma abordagem holística. Para o autor, o pensamento é linguístico. Logo, não pode ter uma definição independente ou redutível à de linguagem. Esta, por sua vez, depende que se compreenda o que são as crenças, as quais dependem das noções de verdade e falsidade. Isso é o holismo do mental: uma rede de crenças, desejos, pensamentos, significados, razões... Esses termos não podem, segundo ele, ser entendidos isoladamente, mas apenas em conjunto, pois são todos fundamentais. A intencionalidade também comporia o holismo do mental.

Davidson compreende intenção como algo muito mais complexo do que a triangulação, pois exige crenças linguisticamente estruturadas “[...] as intenções dependem da crença de que alguém pode fazer o que pretende [*intends*] e isso

requer acreditar que nada vai evitar a ação pretendida (Davidson, 2001c, p. 107).” Aqui, ele está argumentando que a interpretação de um discurso, necessária para sua compreensão, passa pela intenção do falante de produzir determinados efeitos no ouvinte. Nesse sentido, concorda com Grice. Porém, a noção de intenção aqui envolve mais do que seria simples intencionalidade de primeira ordem na concepção de Dennett. Seria necessário, aqui, no mínimo haver intencionalidade de terceira ordem.

Em *The Second Person* (2001c), Davidson defende que a noção de falar uma língua requer que “cada falante intencionalmente se faça interpretável para o outro” (2001c, p. 115). Isso envolve tanto a auto atribuição de intencionalidade como sua atribuição ao interlocutor. Conseguir dar significado a um discurso, nessa concepção, é obter êxito na tarefa de ser interpretado, o que inclui atribuição mútua por parte de ao menos duas pessoas de intencionalidade uma à outra, vinculando esses estados mentais ao mundo circundante. Assim, forma-se um triângulo entre falante, intérprete e mundo que é, na concepção de Davidson, fundamental para que exista linguagem.

Sofia Miguens (2006) aponta para uma lacuna no pensamento de Davidson, mas mostra como os desenvolvimentos empíricos podem contribuir para que essa lacuna seja superada. A lacuna está na passagem da triangulação pré-linguística para a conceitual, uma vez que Davidson trata o pensamento como algo exclusivo dos seres linguísticos, o que faz com que o surgimento da linguagem não possa ser explicado sem uma base sólida. Ela propõe o estudo dos desenvolvimentos recentes em ciência cognitiva acerca de *atenção conjunta*⁶ como uma forma de suprir essa lacuna. Para ela, um problema no pensamento de Davidson é a abordagem do mental como algo exclusivamente linguístico. O primeiro tipo de triangulação, pré-linguística, é muito empobrecido no trabalho de Davidson, o que gera essa lacuna. Segundo ela, o estudo dos processos intermediários de triangulação, anteriores às mentes linguísticas, traz uma compreensão mais profunda e menos exteriorizada do mental que envolve não apenas as atitudes proposicionais, mas também a percepção, um aspecto fundamental que se perderia na passagem da primeira para a segunda triangulação⁷.

6. Atenção conjunta consiste na coordenação de mentes (pré-linguísticas) em comunicação acerca do mundo. As crianças pequenas, por volta dos 12 meses começam a apontar para coisas e situações e, antes dessa idade, a dirigir o olhar para o mesmo foco ao qual o olhar de outrem está dirigido. De acordo com Miguens, a atenção conjunta talvez possa representar o passo intermediário entre a triangulação linguística e a pré-linguística. A autora não considera o trabalho desenvolvido até então por Tomasello como capaz de suprir a lacuna, pois Tomasello também apresenta uma descontinuidade entre o pensamento dos animais e o pensamento humano. A posição de Tomasello não permanece a mesma ao longo do tempo, mas no trabalho que estamos mencionando ele ainda defende uma descontinuidade. Dennett, por outro lado, mostra como a descontinuidade pode ser produzida a partir de uma mudança sutil na cognição especificamente humana.

7. Essa é uma questão bastante relevante: se a abordagem do mental é feita exclusivamente a partir das atitudes proposicionais, então como seria possível haver um tipo de triangulação anterior à linguagem? A passagem da

INTENCIONALIDADE E TRIANGULAÇÃO

O trabalho de Tomasello (2014) tem características não apenas fundamentadas em pesquisa empírica, mas também em trabalhos desenvolvidos em filosofia da linguagem, inclusive por Davidson. Tomasello é um psicólogo do desenvolvimento que tem se focado nas questões da relação entre cognição e cultura. Para isso, ele costuma usar estudos comparativos entre as crianças pequenas e os grandes símios. Em muitos aspectos, seu trabalho parece bem coordenado com o de Davidson acerca do papel da linguagem na constituição do modo de pensar humano. Porém Tomasello busca respostas também em nossos ancestrais evolutivos, pois o surgimento da linguagem é gradual e depende da existência de estruturas anteriores. Nesse sentido, uma história evolutiva da linguagem e do pensamento pode ser contada de modo a corroborar com a tese da triangulação e a preencher a lacuna existente entre a triangulação pré-linguística e a triangulação linguística.

Davidson é um autor que segue um método argumentativo filosófico. Seus raciocínios, contudo, também podem ajudar a constituir uma fundamentação teórica para cientistas preocupados em compreender a mente humana⁸. Nesse sentido, encontramos no livro sobre a evolução da linguagem de Tomasello algumas referências a Davidson e é possível observar que a noção de triangulação desempenha um importante papel na fundamentação da pesquisa desenvolvida pelo psicólogo. Seu trabalho se dedica a especificar as características da cognição humana a partir da comparação com os grandes símios. Acerca da triangulação, Tomasello a apresenta como algo que direciona os animais nela envolvidos para a objetividade:

[...] o receptor, para fazer o salto abduutivo necessário para alcançar as intenções comunicativas do comunicador, tem que então simular a perspectiva dele em sua perspectiva (ao menos). Essas transações em perspectivas significaram que os primeiros indivíduos humanos não apenas representaram o mundo diretamente para si mesmos, assim como todos os macacos mas, adicionalmente, ao menos em alguns aspectos, experimentaram exatamente o mesmo mundo visto simultaneamente de diferentes perspectivas sociais. Esse processo de triangulação inseriu pela primeira vez um pequeno, mas poderoso rasgo entre o que nós poderíamos agora chamar de objetivo e subjetivo (2014, p. 70).

cognição não linguística para a cognição linguística não seria abrupta demais? Como compreendê-la?

8. Davidson é, na realidade, um autor muito influente. “A extensão e unidade de seu pensamento, em combinação com o caráter às vezes conciso de sua prosa, significa que Davidson não é um escritor fácil de abordar. Todavia, por mais que seu trabalho possa por vezes parecer exigente, isso de forma alguma diminui a importância deste ou a influência que tem exercido e indubitavelmente continuará exercendo. Na verdade, nas mãos de Richard Rorty e outros, e através da difundida tradução de seus escritos, as ideias de Davidson alcançaram uma audiência que se estende para muito além dos confins da filosofia analítica de língua inglesa. Dos filósofos americanos do final do século XX, talvez apenas Quine tenha tido receptividade e influência similares” (MALPAS, 2015).

Tomasello também defende que, para que a forma de pensar e agir propriamente humana pudesse surgir, foi necessário haver antes relações de triangulação entre primatas não humanos e mundo. Triangulação é compreendida por ele como experimentação não apenas do mundo diretamente, mas também do mundo como ele se apresenta aos outros. Portanto, envolve intencionalidade de segunda ordem, ao menos. Talvez essa história contada por Tomasello possa trazer fundamentos empíricos e evolutivos para a tese davidsoniana da triangulação. Essa relação entre o surgimento do pensamento objetivo e a triangulação é importante também por ancorar algumas de nossas crenças no mundo, trazendo um lastro para o conjunto total das crenças. Nesse sentido, afirma Davidson:

A identificação dos objetos do pensamento repousa sobre uma base social. Sem uma criatura que observe outra, não teria lugar a triangulação que situa os objetos relevantes em um espaço público. Com isso não quero dizer que uma criatura observando a outra proporcione o conceito de objetividade a qualquer uma delas; a presença de uma ou mais criaturas interagindo uma com a outra e com o entorno comum é, na melhor das hipóteses, uma condição necessária para tal conceito. Apenas a comunicação pode proporcionar o conceito, pois ter o conceito de objetividade, os conceitos dos objetos e eventos que ocupam um mundo compartilhado, de objetos e eventos cujas propriedades e existência é independente do nosso pensamento, requer que estejamos informados do fato de que compartilhamos pensamentos e um mundo com os demais (DAVIDSON, 2001b, p.202).

Na concepção de Tomasello, a forma de pensar especificamente humana, que inclui linguagem articulada, envolve intencionalidade coletiva, a qual, por sua vez, depende da intencionalidade compartilhada. De acordo com a hipótese da intencionalidade compartilhada, defendida por ele, as pressões seletivas forçaram as atividades compartilhadas, criando condições para o desenvolvimento da linguagem e da cultura institucionalizadas, características dos seres que possuem intencionalidade coletiva. A compreensão do surgimento da linguagem passaria necessariamente pela capacidade de estabelecer relações cooperativas envolvendo o sujeito, ao menos um parceiro comunicativo e o mundo. Para que isso pudesse acontecer, na concepção do autor, a intencionalidade passou por dois estágios anteriores ao desenvolvimento da intencionalidade coletiva: o estágio da intencionalidade individual, presente também nos grandes símios e o estágio da intencionalidade compartilhada, após a separação dos ramos da árvore⁹.

Davidson restringe o pensamento aos seres linguísticos. Tomasello, por outro lado, caracteriza o pensamento como a capacidade de imaginar “off line” o

9. Compartilhamos muito do nosso DNA com os grandes símios. Pode-se presumir que as características cognitivas presentes em ambos já existiam em um ancestral comum. O ancestral comum mais recente entre nós e eles marca a divisão da árvore evolutiva em dois ramos, sendo que nós pertencemos a um e os grandes símios pertencem ao outro. Assim, podemos presumir também que as habilidades cognitivas não compartilhadas foram desenvolvidas nos ramos específicos.

resultado de uma ação antes de agir. Isso envolve três capacidades: (1) representação cognitiva de experiências não presentes temporal nem espacialmente (quer dizer, experiências que não estão ocorrendo naquele momento diante do sujeito podem ser representadas por ele); (2) habilidade de fazer simulações e inferências protológicas, transformando essas representações para prever seus desdobramentos; (3) automonitoramento, isto é, avaliação dos resultados das decisões comportamentais, com tomada de novas decisões a partir desses resultados.

É possível fazer uma leitura de Tomasello como defensor de um tipo simples de intencionalidade que é anterior ao próprio pensamento, mesmo no sentido de pensamento proposto pelo autor, pois segundo ele, qualquer capacidade cognitiva direciona o organismo a algo. “Um organismo cognitivamente competente opera como um sistema de controle direcionado a valores ou objetivos e capacidade de escolher ações que levam ao preenchimento desses valores ou objetivos” (TOMASELLO, 2014, p. 8). Porém, a ênfase do autor está no desenvolvimento da intencionalidade a partir da intencionalidade individual presente nos grandes símios.

Os grandes símios, segundo ele, possuem todas as habilidades necessárias. Não lhes falta o pensamento. O que lhes falta é o pensamento objetivo, reflexivo e normativo que caracteriza a razão. Porém, podemos considerar a própria construção da objetividade do pensamento como algo enraizado em nossa história evolutiva. No caso do ser humano moderno, ela depende da vida em sociedade, mas a vida em sociedade está apoiada por habilidades cognitivas desenvolvidas pelos nossos ancestrais, sem as quais não seria possível o desenvolvimento da intencionalidade coletiva.

Qualquer desses três tipos de intencionalidade desenvolvidos por Tomasello se desenvolve no contexto da triangulação¹⁰. Porém, os dois tipos mais recentes envolvem colaboração. A intencionalidade compartilhada se torna presente em alguma espécie homínida que nos precedeu. Tomasello supõe que tenha surgido em um ancestral comum entre nós e os Neandertais, há 400 mil anos: o *Homo heidelbergensis*, mas determinar o momento histórico do surgimento da colaboração e da intencionalidade compartilhada não é ponto central. O importante é pensar nos pressupostos do pensamento proposicional, pois assim compreendemos a base comum que conecta nossos conteúdos mentais ao mundo compartilhado e aos outros sujeitos.

As habilidades desenvolvidas pelos grandes símios foram no contexto da competição por alimentos, parceiros e outros recursos importantes dentro do grupo social. Com isso, passam a reconhecer indivíduos, formar relações hierárquicas e reconhecer papéis dentro do grupo, além de prever os comportamentos alheios.

10. Embora seja possível fazer uma leitura mais ampla do termo “intencionalidade” na obra de Tomasello, o foco dele está na história evolutiva da intencionalidade a partir da individual e esta já necessita da triangulação. Portanto, os três tipos de intencionalidade desenvolvidos por ele dependem da existência anterior da triangulação.

“Os grandes símios não humanos não apenas são agentes intencionais como compreendem os outros como agentes intencionais” (TOMASELLO, 2014, p.20).

Os experimentos mostraram capacidade nos grandes símios de manipulação do comportamento alheio por gestos de apontar coisas no mundo para chamar a atenção de outro. Isso sugere uma forma de comunicação desenvolvida a partir de uma relação em que todos os envolvidos no processo compartilham de uma base comum ancorada no mundo. Ao apontar para algo, o símio sabe que o outro perceberá aquilo e que ambos compartilham de alguma percepção comum. O comportamento deles, segundo Tomasello, indica uma orientação à competição porque se dirige à busca de recompensas individuais.

Antes de haver a forma de intencionalidade coletiva apresentada por nós, humanos modernos, provavelmente o aumento das populações e a escassez de alimentos tenha provocado a necessidade de forragear colaborativamente, sem o que a aquisição de alimentos teria se tornado impossível. Pela mesma razão, deve ter surgido competição entre os grupos de homínídeos, gerando a necessidade de colaboração entre os membros de dentro de um grupo.

Se as pressões ambientais forçaram nossos ancestrais à ação colaborativa para que pudessem conseguir alimentos e competir com outros grupos, então escolher parceiros colaborativos se torna vital, assim como ser escolhido por bons parceiros. Isso, segundo Tomasello, contribui para o desenvolvimento da capacidade de leitura de mentes recursiva. Para o sujeito colaborar, ele crê que o outro espere isso dele. Esses homínídeos que precisaram lidar com as primeiras formas de atividade colaborativa agiam sobre aspectos compartilhados do mundo. É assim que a intencionalidade passa a ser compartilhada. Só há intencionalidade compartilhada quando ao menos dois sujeitos se voltam para algo disponível a ambos, mas isso não é suficiente. Cada um deles precisa *saber* que o outro também está voltado para aquele objeto. É necessário haver ao menos três ordens de intencionalidade.

Essas duas etapas, a da intencionalidade individual e a da intencionalidade compartilhada, segundo Tomasello, foram necessárias para que pudesse surgir a intencionalidade coletiva, característica do ser humano moderno. Enquanto alguns autores consideram a linguagem e a cultura cumulativas como fundamentos da cognição humana, Tomasello discorda. Para ele, a linguagem, a cultura e o pensamento proposicional são, na realidade, resultado do desenvolvimento de uma nova forma de cognição: essa que envolve a colaboração, a comunicação cooperativa e a intencionalidade compartilhada, mas não deixam de ser característica específica da cognição humana. Antes de haver linguagem convencional, na concepção dele, é preciso haver um modo de pensar fundamentalmente cooperativo. Porém, após o desenvolvimento da linguagem e da cultura, estabelecem-se as bases para

reestruturação da cognição, permitindo o modo de pensar do humano moderno – um modo de pensar que só floresce no solo da cultura.

O solo de conhecimentos compartilhados se amplia com a vida em comunidade, incluindo conceitos abstratos, de modo que os processos psicológicos e as inferências lógicas se tornem explícitos por meio das atitudes proposicionais, possibilitando pensar sobre o próprio pensamento. Os grupos passam a construir uma racionalidade própria necessária para que possam fornecer razões e convencer seus pares de determinados planos de ação. Essa racionalidade de grupo é internalizada e permite ao indivíduo saber por que ele pensa de determinada maneira e criar uma rede holística de estados mentais proposicionais. Cada indivíduo passa a fazer um automonitoramento de suas ações a partir dos padrões normativos do grupo. Assim, Tomasello conta uma história evolutiva para mostrar como a intencionalidade coletiva cria o pensamento objetivo/normativo.

CONCLUSÃO

Embora Davidson, Tomasello e mesmo Dennett aleguem a existência de uma forma de cognição especificamente humana, eles não estão de acordo. Vejamos, primeiramente, as divergências entre os dois primeiros. Tomasello defende que os animais não humanos possuem pensamento, mas não com as características proposicionais do pensamento propriamente humano. O autor propõe a necessidade de um passo intermediário entre os humanos cooperativos e os símios competitivos. “Esse passo intermediário não resolve o problema de Davidson (1982)¹¹ de um vocabulário teórico comum que leve do ‘não pensamento’ para o ‘pensamento’, mas ele estreita significativamente a distância a ser atravessada por qualquer passo” (TOMASELLO, 2014, p. 151, aspas duplas do original transformadas em aspas simples na tradução).

Aparentemente, contudo, essa divergência entre os dois autores não é conceitual, mas sim terminológica. Para Davidson, ter pensamento é ter atitudes proposicionais o que, na concepção dele, depende de linguagem. Tomasello, por outro lado, defende que o pensamento possui as três características já descritas: representação cognitiva, capacidade de fazer inferências protológicas e automonitoramento comportamental. Importante notar, porém, que Tomasello considera a forma de pensamento caracteristicamente humana algo que só se constrói no contexto da cultura e da linguagem convencionais. Essa forma de pensar criaria uma rede complexa de estados intencionais sobre estados intencionais constituída não apenas de um sujeito em interação com o mundo, mas de vários sujeitos em interação uns com os outros e com o mundo.

11. Trata-se aqui do artigo *The emergence of thought* (2001a), publicado originalmente em 1987.

Para Tomasello, muitos dos problemas filosóficos surgem precisamente quando nós tentamos entender as coisas abstratamente, fora do contexto evolutivo. Embora boa parte do pensamento humano pareça inútil, ele foi selecionado evolutivamente pelo seu papel em organizar e regular as ações adaptativas. Para compreender isso, é preciso identificar os problemas relevantes. Tomasello defende que todos os aspectos da cognição especificamente humana são constituídos socialmente, mas há outros aspectos da cognição humana que não dependem da inserção do indivíduo em um contexto social.

Esse tipo de abordagem sobre a compreensão do mental também é compartilhada por Dennett (1998). Para ele, há uma grande virada na história das mentes hominídeas com o advento da linguagem. A mente humana, por ser cultural e linguística, é considerada muito diferente das mentes dos animais não humanos. Essa diferença não é apenas de grau, mas é uma diferença qualitativa¹², embora possa ser explicada sem milagres. Uma pequena alteração na mente dos nossos ancestrais foi capaz de promover grandes resultados, assim como o surgimento do primeiro replicador orgânico, um organismo extremamente simples, foi capaz de dar origem a toda diversidade de espécies que está hoje diante de nós.

As pessoas querem a todo custo acreditar que nós, seres humanos, somos imensamente diferentes de todas as outras espécies - e elas estão certas! Nós somos diferentes. Somos a única espécie que tem um meio extra de preservação e comunicação de projeto: a cultura. Isso é um exagero; outras espécies também têm rudimentos de cultura, e sua capacidade de transmitir informações “pelo comportamento”, além de geneticamente, é em si mesma um fenômeno biológico importante [...], mas estas outras espécies não desenvolveram cultura como uma forma de decolagem como nossa espécie fez. Nós temos a linguagem, o meio básico da cultura, e a linguagem nos abriu novos espaços no Espaço de Projeto aos quais só nós temos acesso. Em poucos e breves milênios - um breve instante no tempo biológico - já usamos nossos novos veículos de exploração para transformar não só o nosso planeta como o próprio processo de desenvolvimento de projetos que nos criou¹³. (DENNETT, 1998, p. 352, aspas internas do original)

Torna-se possível, aqui, concluir com um comparativo entre as concepções que esses três autores possuem acerca das relações entre intencionalidade e triangulação. No caso de Davidson, temos a concepção mais complexa e restritiva de intencionalidade. Ela é linguística e faz parte de uma rede holística que integra todos os estados mentais do sujeito, além de conectá-lo com os demais sujeitos e o mundo objetivo. Em Tomasello temos uma perspectiva intermediária, um pouco mais ampla e simples da intencionalidade. Ela é anterior à linguagem, está presente nos grandes símios na forma de intencionalidade individual, assim como está presente no ancestral

12. Dennett compreende a cultura como um processo análogo ao processo evolutivo orgânico, mas que se desenrola em um ambiente diferente, com replicadores diferentes e numa velocidade infinitamente maior.

13. O processo a que Dennett se refere é a própria evolução natural, a qual tem sido sistematicamente alterada pela humanidade.

comum entre nós e eles, desenvolve-se no contexto da competição entre indivíduos, mas também depende da triangulação. Por último, temos a concepção de Dennett, a mais simples e ampla de todas. Intencionalidade, para ele, é o simples direcionamento a algo, também chamado de relacionalidade. Nesse caso, a intencionalidade é muito anterior à triangulação, está presente na história da vida desde que o mais antigo de nossos ancestrais se direcionou a um nutriente.

De todo modo, adotando-se uma perspectiva das ordens de intencionalidade de Dennett, para haver o tipo mais simples de triangulação, necessita-se ao menos da intencionalidade de primeira ordem. Para fundamentar a comunicação, é preciso haver intencionalidade de terceira ordem. Nesse sentido, se a evolução é gradual¹⁴, como apontado por Darwin, o mais provável é que a intencionalidade de segunda ordem, ou seja, a atribuição de estados mentais seja sempre acompanhada da possibilidade de triangulação, embora a intencionalidade de primeira ordem, não necessariamente. A ameba pode se direcionar ao nutriente e se afastar das toxinas sem precisar, para isso, atribuir intencionalidade a nada.

O problema da posição de Davidson é deixar uma lacuna muito difícil de ser explicada na passagem do não pensamento para o pensamento. Em Tomasello, essa lacuna é bastante reduzida, pois ele conta uma história sobre como a intencionalidade se torna mais ampla ao longo da descida de alguns degraus evolutivos. O psicólogo trabalha com grandes símios, e por isso não desce pela árvore evolutiva além do tronco dos primatas, mas há a sugestão de que a intencionalidade desce bastante pelos ramos da árvore. Dennett, por sua vez, nos oferece uma visão mais ampla, capaz de integrar muitos seres vivos e artefatos humanos a partir da noção da intencionalidade. Para isso, sobrepõe ordens de intencionalidade, fazendo com que a complexidade emergja da simplicidade, e o mental seja construído por sobreposições de processos mecânicos e sem mente.

REFERÊNCIAS

DAVIDSON, D. The Emergence of Thought. In: _____. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001a. p. 123-134. [Artigo publicado originalmente em 1997.]

14. O registro fóssil, muitas vezes passa impressão de grandes mudanças entre as espécies. Mas, para entender as espécies como grandes saltos evolutivos, é preciso acreditar em milagres. Afinal, o que há de revolucionário no pensamento de Darwin é explicar a possibilidade de auto-organização da natureza, sem saltos e sem milagres. Hoje se entende que uma pequena mudança genética pode representar uma grande mudança fenotípica, uma das razões para os saltos no registro fóssil. Outra razão é que o tempo evolutivo é extremamente lento e apenas alguns fósseis estão disponíveis para nós, separados por períodos que, para nós, parecem longos, mas para a evolução são muito curtos. Mais uma razão são as migrações de bandos de animais de espécies já consolidadas ao longo de diversas gerações, que deixarão no registro fóssil do novo lugar uma impressão de salto evolutivo. Há, portanto, diversas formas de explicarmos as lacunas no registro fóssil, mesmo sob uma perspectiva gradualista como a de Darwin. Hoje os biólogos sabem de muita coisa que Darwin não sabia, mas devem isso à semente lançada por ele.

_____. Epistemology Externalized. In: _____. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001b. p. 193-204. [Artigo publicado originalmente em 1990.]

_____. The Second Person. *Subjective, Intersubjective, Objective*. Oxford: Clarendon Press, 2001c. p. 107-121. [Artigo publicado originalmente em 1992.]

DENNETT, D. *Tipos de Mentes: rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. [Tradução de Alexandre Tort; revisão técnica de Marcus Pinto]

_____. *A perigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. [Publicado originalmente em 1995. Tradução de Talita M. Rodrigues.]

_____. Intentional Systems in Cognitive Ethology: The “Panglossian Paradigm” Defended. In: *The Intentional Stance*. Cambridge: MIT, 1999.

JACOB, P. Intentionality. ZALTA, E. (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2014 Edition). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=intentionality>. Acesso em 09 out. 2017.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Ícone, 2007. [Publicado Originalmente em 1781. Tradução de Fulvio Lucimar A. Coghi Anselmi]

MALPAS, J. Donald Davidson. ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Fall, 2015 Edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2015/entries/davidson/> Acesso em 12 mar. 2017.

MIGUENS, S. Conceito de crença, triangulações e atenção conjunta. In: MIGUENS, S.; MAURO, C. (Eds.) *Perspectives on rationality*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Letras, 2006. PP. 99-117. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9971.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

TOMASELLO, M. *A Natural History of Human Thinking*. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 2014.